

CONVERSA DE BARBEIRO

Raimundo Nonato está na profissão há 44 anos e corta o cabelo de Antônio há 27. Toda cidade tem pelo menos um barbeiro de estimação

PÁGINAS 28 E 29

BRASÍLIA, DOMINGO, 10 DE JULHO DE 2005
Editor: Carlos Alexandre // carlos.alexandre@correio.com.br
Subeditores: Roberto Fonseca, Sibele Negromonte e Valéria de Velasco
Coordenadora: Taís Braga // taís.braga@correio.com.br
e-mail: cidades@correio.com.br
Tels. 3214-1180 • 3214-1181
fax: 3214-1185

TERRAS PÚBLICAS

Moradores do Park Way usam a internet para denunciar tentativas de grilagem nas 29 quadras do setor de mansões. Foi assim que conseguiram barrar a ocupação de uma casa construída em apenas dois dias

Espiões contra grileiros

CECÍLIA BRANDIM
DA EQUIPE DO CORREIO

A imensidão das áreas verdes que cercam os lotes do Setor de Mansões Park Way é uma tentação para os grileiros. A insistência em parcelar irregularmente terras públicas entre as 29 quadras da região, nos últimos cinco anos, tem deixado moradores e autoridades sem direito a descanso. Para tentar diminuir a sofreguidão dos invasores, as famílias que moram no setor criaram uma rede de vigilância informal. Quem fica sabendo de uma nova ocupação transmite a informação por uma rede de e-mails. A comunidade também divulga dados sobre a região em um site na internet. Desse modo, a união da comunidade acelera o combate à grilagem.

A vigilância ininterrupta detectou um novo foco de ocupação irregular há pouco mais de uma semana, na Quadra 26, onde uma casa foi erguida em apenas dois dias. A construção foi derrubada pelos fiscais da Administração Regional do Núcleo Bandeirante no dia 27 de junho.

"Não vamos descançar enquanto não desbaratarmos este esquema odioso que faz muito mal para os cidadãos. Afinal, somos tão donos de todas as áreas públicas quanto este indivíduo que está tentando ficar acima da lei e de todos", declara um dos comunicados distribuídos aos moradores pela Associação Comunitária, após o início da construção da casa na Quadra 26. A agilidade dos moradores tem de acompanhar a rapidez dos grileiros. Segundo relato de testemunhas que notaram a movimentação no terreno, as paredes da obra foram levantadas em apenas um final de semana.

A construção em área pública tinha como endereço o Conjunto 7, Lote 1-A, da Quadra 26. O local não existe, conforme o mapa oficial do setor. Mas foi vendido a um empresário em meados de 2003, de acordo com o advogado do comprador, Joacyr Rocha, especialista em questões agrárias. "Asseguro que ele comprou de boa-fé. Meu cliente foi procurado na época por um indivíduo de Goiânia chamado Cleisson. Ele tinha a escritura e o registro do imóvel no cadastro de registros de imóveis rurais do Incra", conta.

Rocha acompanhou o acordo de compra e venda e afirma ter confiado na documentação. A transação envolveu uma área de 14,2 hectares (142 mil metros quadrados) na Quadra 26, o equivalente a pouco mais de 14 campos de futebol. De acordo com a escritura, o terreno foi vendido por

R\$ 20 mil. "Um lote regular padrão no Park Way, de 20 mil metros quadrados, vale atualmente cerca de R\$ 1 milhão", afirma o administrador do Núcleo Bandeirante, Ronaldo Persiano, que foi procurado pelo advogado dias antes da casa ser derrubada. O documento apresentado era uma Escritura Pública de Direitos Possessórios, obtida em Luziânia (GO). "Isso não existe", revela Persiano.

O mesmo endereço quase viu-se condomínio no ano passado. No dia 23 de abril de 2004, os agentes da Delegacia de Meio Ambiente (Dema) prenderam o topógrafo Domingos Sávio Ferreira Lima em flagrante, quando colocava piquetes demarcando a área. O projeto do loteamento, que se chamaria Residencial Alameda dos Eucaliptos, estava pronto. Vinte e sete lotes de 2,5 mil metros quadrados seriam vendidos. O documento de posse da área tinha as mesmas características do que foi entregue ao empresário e havia sido emitido no mesmo cartório. Tratava da venda de local com dimensões e endereços idênticos. O negócio foi fechado por R\$ 10 mil e o parcelamento não chegou a ser constituído.

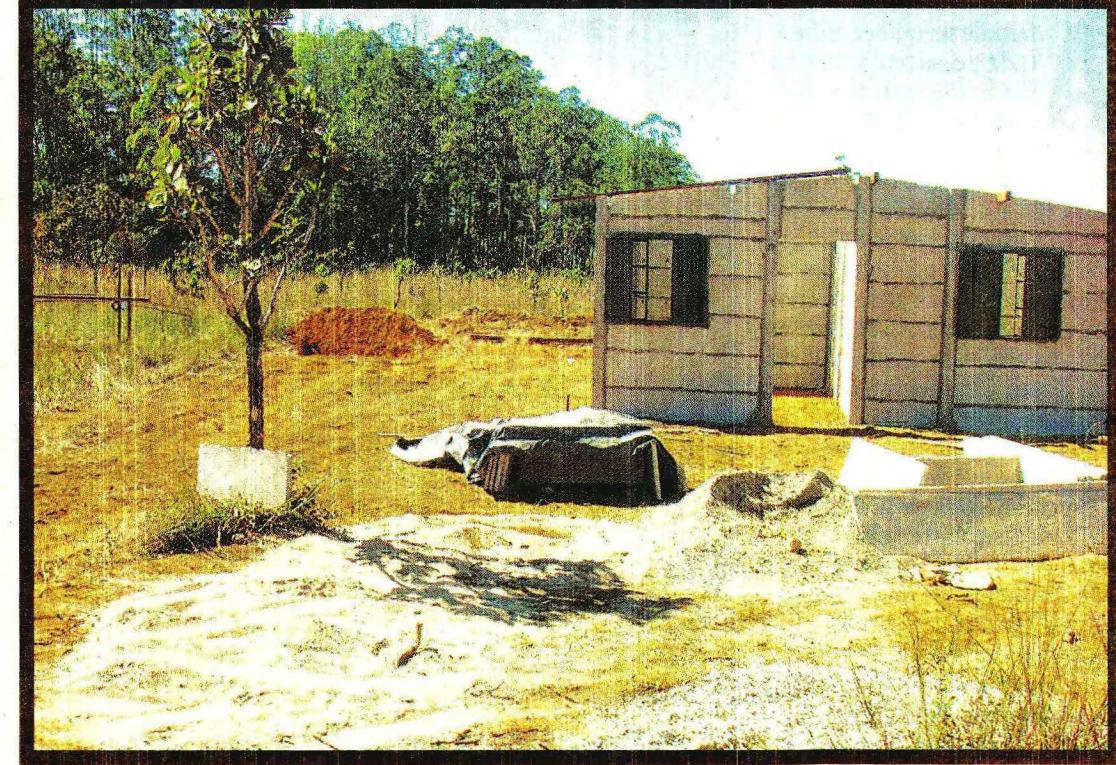
Crime recorrente

A semelhança entre os dois negócios chamou a atenção do advogado Joacyr Rocha, que disse desconhecer o inquérito policial aberto para conter a ocupação do terreno comprado por seu cliente. A casa derrubada seria a primeira etapa de uma grande invasão. O empresário também pretendia construir um condomínio, "se o local fosse realmente particular", admite Rocha. Pelos registros da Terracap, a área foi desapropriada em 1957.

O delegado-chefe da Dema, Carlos Alberto Oliveira, alerta que não apenas os grileiros são passíveis de responsabilização criminal. "Quem compra também alimenta o esquema", diz. A pressão pela ocupação irregular nas áreas verdes da Quadra 26 não é exclusiva. Denúncias formais e informais referentes a quase todas as quadras do Park Way chegam à Dema toda semana. "Os grileiros mudaram a forma de agir. Eles já não derrubam árvores, apenas demarcam lotes dentro da mata virgem", conta Carlos Alberto.

Atravessado por córregos, o Park Way faz parte da Área de Preservação Ambiental (APA) Gama e Cabeça de Veado. Para a presidente da Associação Comunitária, Jeanine Felfilli, a ocupação prejudicará todo o DF. "São áreas úmidas, que precisam ser preservadas. O Park Way tem a função de proteger os arredores da área tombada", diz.

Associação Comunitária/Divulgação



A CASA ESTAVA QUASE PRONTA QUANDO OS FISCAIS DA ADMINISTRAÇÃO DO NÚCLEO BANDEIRANTE A DERRUBARAM